

O DIÁLOGO AMBIENTAL À LUZ DA *LAUDATO SI'* E DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

THE ENVIRONMENTAL DIALOGUE IN THE LIGHT OF LAUDATO SI' AND THE MAGISTERIUM OF THE CHURCH

EL DIÁLOGO AMBIENTAL A LA LUZ DE LA LAUDATO SI' Y DEL MAGISTERIO DE LA IGLESIA

Sávio Araújo de Souza¹
Roberto Rohregger²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a imperiosa necessidade do cuidado e da preservação da criação para a subsistência do ser humano e a importância desse tema na atualidade. Sua principal fonte teórica é a carta encíclica *Laudato Si'* do papa Francisco. Apresenta como missão e dever de todo o gênero humano proteger a casa comum do uso irresponsável, abusivo e devastador dos bens da natureza, por meio do respeito e da proteção. Por isso, convida a contemplar a criação com admiração e amor pois, somente com um olhar renovado e compassivo, o homem perceberá a sua total dependência da natureza e assumirá novas posturas para defender e favorecer a conservação deste bem tão precioso. Veremos ainda o apelo à “conversão ecológica global”, baseada no diálogo entre todos os homens, instituições, religiões e nações. Esse diálogo provocará a mudança de comportamentos e paradigmas, que produzirá soluções para o gravíssimo problema ambiental atual.

Palavras-chave: Diálogo ambiental. Ecologia. Ecologia global. *Laudato Si'*.

Abstract

The present work aims to present the imperative need for care and preservation of creation for the subsistence of the human being and the importance of this theme today. Its main theoretical source is pope Francis' encyclical *Laudato Si'* letter. It presents as mission and duty of the entire human race to protect the common home from the irresponsible, abusive, and devastating use of the goods of nature, through respect and protection. For this reason, it invites us to contemplate creation with admiration and love because, only with a renewed and compassionate look, man will perceive his total dependence on nature and take new postures to defend and favor the conservation of this precious good. We will also see the call for "global ecological conversion", based on dialogue between all men, institutions, religions, and nations. This dialogue will cause the change of behaviors and paradigms, which will produce solutions to the very serious environmental problem today.

Keywords: Environmental dialogue. Ecology. Global ecology. *Laudato Si'*.

Resumen

Este trabajo tiene el objetivo de presentar la imperiosa necesidad del cuidado y de la preservación de la creación para la subsistencia del ser humano y la importancia de ese tema en la actualidad. Su principal fuente teórica es la encíclica *Laudato Si'*, del papa Francisco. Presenta como misión y deber de todo el género humano proteger la casa común del uso irresponsable, abusivo y devastador de los bienes de la naturaleza, por medio del respeto y de la protección. Por ello, extiende la invitación a contemplar la creación con admiración y amor, pues solamente con una mirada renovada y compasiva, el hombre percibirá su total dependencia de la naturaleza y asumirá nuevas posturas en el sentido de defender y favorecer la preservación de ese bien tan precioso. Se presentará, también, el apelo a la “conversión ecológica global”, sobre la base del diálogo entre todos los hombres, instituciones, religiones y naciones. Ese diálogo provocará un cambio de comportamientos y paradigmas, que aportará soluciones para el gravísimo problema ambiental actual.

Palabras-clave: Diálogo ambiental. Ecología. Ecología global. *Laudato Si'*.

1 Introdução

¹ Graduando em Teologia Doutrina Católica no Centro Universitário Internacional UNINTER.

² Professor no Centro Universitário Internacional UNINTER.

A consciência ambiental é um tema de suma importância e que tem alcançado um destaque cada vez maior na sociedade em geral. Percebe-se “uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está a acontecer ao nosso planeta” (FRANCISCO, 2015, 19, p. 18). Tomando por base essa premissa, vale a pena ressaltar que tanto a religião — em suas diversas expressões —, como a ciência e todas as suas áreas, assumiram a questão ambiental como primordial e essencial. Tornou-se uma causa comum que facilita e possibilita a comunhão e o diálogo, mesmo diante de visões e pensamentos diferentes; ambas visam o cuidado e o bem do Planeta e, nessa perspectiva, encontramos a tão desejada e necessária comunhão.

Essa abertura ao diálogo ajudará o ser humano a viver uma sustentabilidade de forma integral, uma vez que a ação do homem na natureza pode desencadear consequências que colocam o próprio desenvolvimento humano em risco. Segundo Ribeiro, “vivemos em um mundo complexo, cheio de pequenas e grandes incoerências, contradições e inúmeras formas de se ver e viver” (RIBEIRO, 2011, p. 15). Esta complexidade requer que o homem tenha humildade para reconhecer a sua dependência da natureza, de um sistema ecológico equilibrado, onde ele assume um papel de cuidado e zelo para a manutenção da vida em geral. Neste aspecto a Igreja tem um papel extremamente importante; através da sua orientação será possível construir uma maior conscientização sobre a responsabilidade do homem sobre a natureza, responsabilidade esta delegada por Deus.

2 A *Laudato Si'*

Um grande marco para a Doutrina Social da Igreja e para a causa ambiental foi a carta encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco. O Sumo Pontífice utiliza-se do termo “casa comum” para se referir à Terra, demonstrando que a responsabilidade e o dever de cuidar da mesma é de todos os homens e não apenas de alguns ou de um grupo isolado; não importa a cultura, crença ou status social, a humanidade é obrigada a zelar e ser responsável por sua casa, pois “a terra é, essencialmente, uma herança comum” (FRANCISCO, 2015, 93, p. 73).

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, é preciso que as diferentes formas de pensar e agir se unam na busca desse único objetivo: a defesa da casa comum. Neste sentido, “a ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso” (FRANCISCO, 2015, 62, p. 49). Essa pluralidade de ideias e esforços trará inúmeros benefícios à luta ambiental, já que “a diversidade não é um obstáculo à unidade; ela torna a unidade possível e é desejável” (BALSAN, 2018, n. p). Não é recomendado que se tenha

um único jeito de pensar, uma lógica apenas, uma única maneira de interpretar a realidade; essa não é a solução. É da multiplicidade de pensamentos e ações que nascerá a riqueza reflexiva que indicará caminhos a seguir e a força necessária para transformá-los em fatos concretos.

3 A missão universal de proteger a casa comum

A mensagem da *Laudato Si'* não é voltada apenas aos cristãos, e sim “a cada pessoa que habita neste planeta” (FRANCISCO, 2015, 3, p. 4). O individualismo não pode ter vez quando se trata da crise ecológica atual; tal atitude só trará mais devastação e problemas. Os homens precisam unir-se. A responsabilidade é de todos: “O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos” (FRANCISCO, 2015, 95, p. 75). Não se pode colocar a responsabilidade no outro, tirando de si o compromisso com a causa. Enquanto essa mentalidade persistir, nada mudará; nada favorável à natureza acontecerá.

Uma característica fundamental pautada neste documento é a expressão: “tudo está conectado”. Apresenta uma linha teológica que coloca o homem como parte da natureza e não como algo separado dela. O ser humano e a natureza fazem parte de um todo e são dependentes um do outro. Assim, a proteção ambiental é também a proteção ao ser humano, principalmente os mais pobres e vulneráveis, que são as principais vítimas do atentado à casa comum.

Francisco (2015, 5, p. 5) explicita que “Deus confiou o mundo ao ser humano”; é sua missão guardar a casa comum. Destaca também a “relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza” (FRANCISCO, 2015, 67, p. 54), contida em Gênesis 2, 15: “o Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para cultivar o solo e o guardar” (BÍBLIA, 2013, Gn 2, 15). Esclarece que a partir do momento que o homem cuida da natureza é beneficiado por esta, apontando que ambos estão interligados. Nota-se que desde a origem dos tempos, quando o homem passou a habitar o planeta, é seu dever e missão guardá-lo; que “sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador” (JOÃO PAULO II, 1990, p. 5) estão marcados em sua existência. Foi confiada à humanidade o papel tão importante de defender o meio ambiente de toda ameaça e quaisquer males que o ameacem.

Apresenta três relações fundamentais da existência humana: a relação com Deus, com o próximo e com a terra. Reforça que a vocação de cada pessoa não se baseia apenas em um relacionamento a dois, entre Deus e o homem, deixando todo o resto em um segundo plano; esse relacionamento é triplo. Assim como amar a Deus e o próximo, existe a fundamental necessidade de amar o planeta para que, por este devido apreço, seja cuidado adequadamente. Essa “interdependência das criaturas é querida por Deus” (CNBB BRASIL, 2000, §340).

Há uma necessidade de se ter um pensamento sustentável; homem e ambiente são um só e, por isso, estão estreitamente interligados e não existe o verdadeiro cuidado de si mesmo sem cuidar do meio ambiente, da casa comum que Deus nos deu — não como “proprietários e dominadores autorizados a saqueá-la” (FRANCISCO, 2015, 2, p. 3), mas como um bem indispensável, um tesouro de valor inestimável que deve ser amado e protegido. Destaco: somos protetores da criação. Proteger a criação é viver de forma sustentável. É um dever de cada ser humano, que deve demonstrar o devido respeito pela obra de Deus. O Patriarca Ecumênico Bartolomeu reforçou a necessidade dessa proteção com o seguinte alerta:

Quando os seres humanos destroem a biodiversidade na criação de Deus; quando os seres humanos comprometem a integridade da terra e contribuem para a mudança climática desnudando a terra das suas florestas naturais ou destruindo as zonas húmidas; quando os seres humanos contaminam as águas, o solo, o ar, tudo isso é pecado [...] é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus (BARTOLOMEU, 1997, p. 29).

“Um crime contra nós mesmos...”, é uma definição prática e excepcional para o grande mal causado pelo homem na belíssima obra da criação. Todo criminoso deve responder por seus crimes, e o preço que pagaremos é altíssimo e irrevogável. Não somente os verdadeiros culpados pagarão; inocentes também, as gerações futuras.

É comum o ser humano crescer pensando que é um proprietário do planeta, que tem permissão para usá-lo de forma abusiva e descontrolada. Por isso, o catecismo da Igreja Católica alerta que

Os animais, como as plantas e os seres inanimados, estão naturalmente destinados ao bem comum da humanidade passada, presente e futura. O uso dos recursos minerais, vegetais e animais do universo não pode ser separado do respeito pelas exigências morais. O domínio dado pelo Criador ao homem sobre os seres inanimados e os seres vivos não é absoluto; é medido por meio da preocupação pela qualidade de vida do próximo, inclusive das gerações futuras; exige um respeito religioso pela integridade da criação (CNBB BRASIL, 2000, § 2415).

A proposta é quebrar o paradigma, a mentalidade de que a humanidade é portadora de um poder supremo sobre a criação, tornando-a um mero objeto de exploração; é preciso ressaltar que o domínio dos homens sobre seres vivos e inanimados não é absoluto; é necessário superar, de uma vez por todas, a interpretação literal e ignorante que algumas pessoas fazem da passagem bíblica: “Deus os abençoou: ‘frutificai – disse ele – e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra’” (BÍBLIA, 2013, Gen 1, 28). Essa interpretação é uma forma de justificar atitudes que provocam uma séria crise ambiental, “consequência tão dramática quanto

inesperada da atividade humana” (PAULO VI, 1971, p. 36) e da “exploração selvagem da natureza” (FRANCISCO, 2015, 67, p. 53), que a desfigura completamente. Não existe justificativa para tantos crimes contra o planeta e a própria vida.

O Catecismo apresenta o homem como “a obra-prima da obra da criação” (CNBB BRASIL, 2000, § 343), mas não o põe como o dono dessa obra, que pode fazer tudo o que desejar de forma inconsequente, agressiva e prejudicial; ao contrário, reforça a existência de “uma solidariedade entre todas as criaturas pelo fato de terem todas o mesmo Criador” (CNBB BRASIL, 2000, § 344) e a necessidade de um respeito, por parte da humanidade, para a prevalência da dignidade da criação.

Infelizmente, quem deveria cuidar, é quem a arrasa, quem mais a ameaça. O homem está prestes a destruir a obra que lhe foi confiada; é ele quem polui, suja, desmata, queima, contamina, assola. O papel original está sendo invertido: o responsável por velar pela criação tornou-se o seu grande inimigo. Está provocando um grande mal na terra “por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou” (FRANCISCO, 2015, 2, p. 3). A palavra irresponsabilidade descreve muito bem o nosso agir diante do grandioso compromisso que nos foi dado.

4 Contemplar a casa comum

Um ponto para dar ênfase na encíclica é o contemplar; o olhar com admiração e fascinação para a casa comum. “Contemplar o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro” (FRANCISCO, 2015, 220, p. 167). O olhar indiferente sobre a criação, considerá-la unicamente como algo que pode ser usado abusivamente e descartado, alavanca uma série de consequências irreversíveis e fatais. Torna-se um atentado contra ela, que afeta não somente a sua harmonia e beleza, mas a própria humanidade, pois causa morte e aniquilamento. É vital assumir um olhar compassivo para “reconhecemos o valor e a fragilidade da natureza” (FRANCISCO, 2015, 78, p. 61). O nosso planeta é muito frágil e dependente, por isso, é uma obrigação do ser humano defendê-lo; é indispensável esse cuidado. Desse modo, urge que se adote uma “atitude de cuidado generoso e cheio de ternura” (FRANCISCO, 2015, 220, p. 166-167).

“Contemplar a criação significa também escutar uma mensagem, ouvir uma voz paradoxal e silenciosa” (JOÃO PAULO II, 2000, p. 89). A sociedade não pode fechar os olhos e nem deixar de escutar o clamor da criação que “geme e sofre como que dores de parto até o

presente dia” (BÍBLIA, 2013, Romanos, 8, 22); é preciso perceber nos sinais visíveis que não há mais tempo para se perder; que o planeta necessita de uma ação imediata e coletiva.

O Catecismo da Igreja Católica declara que “a beleza da Criação reflete a infinita beleza do Criador. Ela deve inspirar o respeito e a submissão da inteligência do homem e da sua vontade” (CNBB BRASIL, 2000, § 341). Diante dessa afirmação percebe-se que, ao dirigir um olhar contemplativo e de fascinação sobre a criação, o ser humano — que “é chamado a respeitar a criação” (FRANCISCO, 2015, 69, p. 55) —, passará a respeitá-la, tal como ela é, encontrando em sua beleza um impulso para adotar novas medidas e posturas, com o objetivo de conservá-la. Por isso, torna-se necessário assumir um olhar de amor, apaixonado, pois um dos sentimentos que existe em quem ama é o desejo de defender o que é amado, a quem se ama. Nesse caso, com esse amor pela criação, tão fundamental à vida, o compromisso de protegê-la será vivido. Existe a necessidade de saber olhar a natureza, não com estranheza ou indiferença, mas com um olhar totalmente renovado, que observe em cada detalhe a dependência e íntima unidade que existe entre o homem e o meio ambiente, percebendo que “tudo está interligado” (FRANCISCO, 2015, 91, p. 71).

Encontramos um belíssimo exemplo de respeito e amor à criação em São Francisco de Assis, que a tinha como uma querida irmã e uma doce mãe: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a mãe terra, que nos sustenta e governa, e produz diversos frutos e coloridas flores e ervas” (ASSIS, 1999, n. p). O que é um filho sem sua mãe? Qual o tamanho da dor ao se perder um irmão/irmã? O que será do homem sem os cuidados da mãe terra, sem seu alimento e proteção? O que acontecerá com a humanidade se perder essa terna irmã? Certamente morrerá. O ser humano precisa resgatar o respeito pela vida e notar que todo o mal que causa ao planeta é causado a ele; quando o planeta não resistir, ele irá morrer. Por isso, é dever de todos cuidar da natureza e “sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo” (BENTO XVI, 2009, p. 124).

É imprescindível que, ao olhar o meio ambiente, o homem o considere com a estima de ser muito bom e, tendo consciência desse gigantesco bem, passe a tratá-lo de forma mais especial, com amor e predileção. Que tenha consciência do seu real valor, considerando-o como um órgão vital de seu organismo. A importância da natureza para o homem e o bem que esta lhe traz é incontável; basta olhar e refletir sobre o papel das árvores, da água, do solo, do ar, dos animais, da própria camada de ozônio; na falta de apenas um destes elementos, o que aconteceria com o homem? Sofreria imensamente ou chegaria ao seu fim.

Diante desse bem imensurável, qual deve ser a postura, a atitude, de todo o gênero humano, senão a de gratidão e proteção deste tesouro? São tantos os benefícios, que se torna

incompreensível o mal que constantemente o homem faz ao planeta e, conseqüentemente, a si próprio.

5 Apelo à “conversão ecológica global”

Perante a imperiosa necessidade de um desenvolvimento integral e sustentável, surge um convite para a mudança. Essa mudança é impreterível, porque “toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas” (FRANCISCO, 2015, 5, p. 5). Não é tempo de continuar apenas nos discursos e idealizando ideias mirabolantes que nunca saem do mero pensar; não é tempo de escrever imensos planos e estratégias que nunca saem do papel; é preciso ação! Uma ação imediata de todos os homens, instituições, religiões, nações; uma ação global. É imprescindível para a humanidade e todo o planeta a “conversão ecológica global” (JOÃO PAULO II, 1979, n.p.) que, para o santo padre Francisco, se caracteriza na vivência da vocação de cada pessoa de ser guardião da obra de Deus.

Existe na humanidade a necessidade urgente “de uma radical mudança no seu comportamento” (PAULO VI, 1970, p. 45). Sem essa mudança radical nos paradigmas, a questão da sustentabilidade não deixará de ser utópica, um sonho que não se realiza. A humanidade precisa fazer um uso responsável e consciente “dos bens que Deus nela [na terra] colocou” (FRANCISCO, 2015, 2, p. 3), para que os recursos naturais continuem a existir por um longo período.

O Papa Bento XVI na encíclica *Caritas in Veritate*, sugere ao homem uma “séria revisão do seu estilo de vida”, ressaltando a necessidade de “uma real mudança de mentalidade que nos induza a adotar novos comportamentos na sua relação com o meio ambiente” (BENTO XVI, 2009, n.p.). Enquanto a mentalidade, muitas vezes ultrapassada e egocêntrica, não for superada, a adversidade enfrentada pelo planeta irá se agravar; somente essa modificação comportamental gerará uma renovação e a solução do gravíssimo problema atual da natureza.

Ao falar de mudança, deve-se considerá-la como “algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade” (FRANCISCO, 2015, 18, p. 17-18). Ao fazer esse alerta, Francisco quer desmascarar pessoas ou instituições com pretensões meramente consumistas ou gananciosas, que se utilizam da bandeira da mudança em prol do bem comum, para se beneficiarem a si próprios, afetando negativamente o meio ambiente e a vida humana. Essa mudança tão esperada e almejada pela mãe terra deve ter como único fim o bem da casa comum e de todos.

Na *Laudato Si'* há um apelo para que se compreenda que “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar” (FRANCISCO, 2015, 13, p. 12). A mudança será visível e concreta se houver a colaboração de todos. Além desse apelo à colaboração e contribuição de todos, é lançado “um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta (...) O desafio ambiental que vivemos e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós” (FRANCISCO, 2015, 14, p. 13). Haverá um futuro sem o comprometimento pela defesa do meio ambiente? Qual legado será deixado às gerações futuras? Esses questionamentos devem estar sempre presentes no pensamento de cada pessoa, para que não deixe de pensar e repensar em sua contribuição e participação na existência ou não de um amanhã, que seja um ambiente propício e favorável para o desenvolvimento saudável e integral da humanidade e de toda a vida no planeta.

Perante o cenário atual, é evidente que mais problemas ambientais e sociais vão surgir e, se nada for feito hoje, a existência de um futuro melhor será uma incógnita. Na verdade, haverá uma certeza para a qual a humanidade caminhará, se nada for feito no agora: a certeza da desolação, do sofrimento, da tristeza, da melancolia, de doenças e devastação; o cotidiano será uma constante ameaça à vida. Por isso, “a consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa se traduzir em novos hábitos” (FRANCISCO, 2015, 209, p. 159). Uma vez que há consciência sobre tantos problemas — que já são realidade e outros que poderão surgir —, é imprescindível essa mudança de hábitos. Todas as ideias voltadas para o bem do planeta precisam ser traduzidas em atos concretos; deixar o papel e transformarem-se em ações.

Porém, esse agir não é algo tão simples, mas um enorme desafio. Muitas barreiras e empecilhos precisam ser derrubadas; mentalidades precisam ser mudadas; atitudes que facilitem o processo do desenvolvimento sustentável e integral devem ser tomadas. Frequentemente nos deparamos com “atitudes que dificultam os caminhos de solução [...] que vão da negação do “problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas” (FRANCISCO, 2015, 14, p. 13). Haverá transformação se houver a superação de tais atitudes; elas representam um atraso e uma ignorância de tamanho e consequência catastróficos.

O grande marco da encíclica é a proposta de uma “*ecologia integral* que inclua claramente as dimensões humanas e sociais” (FRANCISCO, 2015, 137, p. 107), embasada no diálogo entre todas as culturas, realidades, ciências, religiões e povos. Elenca-se uma série de diálogos necessários para o cuidado da casa comum: o diálogo sobre o meio ambiente na

política internacional; nas novas políticas nacionais e locais; entre a política e a economia; e entre as religiões e a ciência. Esses diálogos representam o primeiro passo na construção da ecologia integral que trará uma nova esperança e um novo rumo ao mundo. “A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade” (FRANCISCO, 2015, 201, p. 154). As transformações decorrentes dessa caminhada não serão imediatas, mas serão fruto de um processo demorado e complexo, que exige perseverança.

Ressalta ainda a necessidade de uma educação ambiental que firme a resolução de alcançar a sustentabilidade. Mesmo diante desse grande desafio, exorta o ser humano a não desistir e nem pensar “que estes esforços são incapazes de mudar o mundo (FRANCISCO, 2015, 212, p. 161); porém o chama a “desenvolver a sua criatividade e entusiasmo para resolver os dramas do mundo” (FRANCISCO, 2015, 220, p. 167) sem desanimar diante da longa estrada a ser percorrida, pois o prêmio final será a salvação do planeta e da vida humana.

6 Considerações finais

Na primeira parte desse trabalho destacamos a importância da carta encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum por meio da pluralidade de ideias e ações. Em seguida, percebemos que a questão ambiental precisa ser abraçada por todos os homens e mulheres como sua missão e fim; que a humanidade não tem domínio absoluto sobre a criação, mas deve cuidá-la e respeitá-la como sua guardiã. Na terceira parte demos maior ênfase à necessidade de o homem olhar a criação de forma compassiva e não indiferente, para poder transformar a realidade.

Um olhar apaixonado é indispensável para que o gênero humano compreenda o valor do meio ambiente e se empenhe em defendê-lo. E, por fim, chamamos atenção ao apelo para uma conversão ecológica global, através da junção de esforços que acarretará em uma comunhão de culturas, religiões e mentalidades na defesa e cuidado do planeta. Essa comunhão só será possível através do diálogo que, para o papa Francisco, é o primeiro passo para a mudança de postura e estilos de vida, tendo em vista uma ecologia integral que abrace todas as dimensões humanas. Há uma necessidade de compreensão, da parte do homem, de que ele está interligado à natureza e tudo o que fizer com ela, será refletido em sua vida. Por isso, cabe-lhe proteger e zelar pela casa comum para garantir a vida humana, com dignidade, no futuro.

Referências

ASSIS, Francisco de. **Escritos**. Tradução: Frei Dorvalino Fassini; Santo André. São Paulo: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 1999.

BALSAN, Luiz. **Teologia Pastoral**. Curitiba: InterSaber, 2018.

BARTOLOMEU. **On Earth as in Heaven**: ecological vision and initiatives of ecumenical patriarch Bartholomew. Nova Iorque: John Chryssavgis, 1997.

BENTO XVI. **Carta encíclica Caritas in Veritate do Sumo Pontífice Bento XVI**. 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 16 mar. 2020.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. 199. ed. São Paulo: Ed. Ave-Maria. 2013. (Edição Claretiana)

CNBB BRASIL. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato Si'* do santo padre Francisco sobre o cuidado da casa comum**. 2015. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 28 mai. 2019.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Redemptor Hominis do sumo pontífice João Paulo II**. 1979. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html. Acesso em: 16 mar. 2020.

JOÃO PAULO II. **Audiência geral**. 2000. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2000/documents/hf_jp-ii_aud_20000126.html. Acesso em: 28 mai. 2019.

JOÃO PAULO II. **Mensagem de sua santidade João Paulo II**: para a celebração do XXIII Dia Mundial da Paz 1º de janeiro de 1990. 1990. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html. Acesso em: 16 mar. 2020.

PAULO VI. **Carta apostólica Octogesima Adveniens de sua santidade o Papa Paulo VI**. 1971. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso em: 16 mar. 2020.

PAULO VI. **Discurso à FAO, no seu XXV aniversário (16 de Novembro de 1970), 4: AAS 62 (1970)**. 1970. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1970/documents/hf_p-vi_spe_19701116_xxv-istituzione-fao.html. Acessado em: 16 mar. 2020.

PAULO VI. **Visita do santo padre à sede da F.A.O. por ocasião do XXV aniversário da instituição, discurso do Papa Paulo VI à assembleia geral**. 1970. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1970/documents/hf_p-vi_spe_19701116_xxv-istituzione-fao.html. Acesso em: 16 mar. 2020.

RIBEIRO, Renato. Um mundo complexo. *In*: RIBEIRO, Renato (org.). **Sustentar a vida**. São Paulo: Paulinas, 2011.